

*267*  
*Dare*  
ANNO II 1<sup>º</sup> DE JANEIRO N. 4



# REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA PUBLOCAÇÃO MENSAL

## COMISSÃO DE REDAÇÃO

Licínio Cardoso, M. Vallação, Tito Amaro,  
Seredelio Corrêa e Pão Brasil.

ABRIL DE 1879

abril de 1879

196 - RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA COSMOPOLITA  
31 - RUA DO REGENTE - 31

# REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA.

---

**SUMMARIO.** — A civilisação. — Othello. — O amor paternal e a ingratidão filial. — Poesias: Recordação. — Nenia. — Equívoco. — Chronica.

---

## A civilisação

(A VOL D'OISEAU)

O passado é um sepulcro; o passado é um templo; sepulcro enorme onde dorme tranquillo o cadáver herculeo das gerações delidas; templo magestoso onde fulgura e se ostenta a imagem augusta da Humanidade.

O passado é um labyrintho intinçado. A historia é a meada de Ariadne, que dirige os passos timidos de Theseu.

Penetrar nas trevas densas do passado é lançar-se vijar arrojado no seio das ondas enfurecidas e agitadas dos séculos.

Ha Scylla e Charibides.

A historia é a Medéa que cobre beneficio o denodado Jason. A verdade é o velocino.

O passado é uma campanha heroica, é um duelo titânico, é uma luta gigante ferida entre a Humanidade, esse homem eterno na phrase de Pascal, e a legião cerrada das forças da natureza.

Luta sangrenta, cheia de mil peripécias. Serie continua de victorias e de derrotas, de triunfos e de desastres.

Os séculos são campos de cadáveres, mas cada pagina da historia é um raio de luz à resplandecer na fronte de um heroe.

A Humanidade é mais valorosa que o fabuloso Achilles. Tem pontos vulneraveis; não recebeu o banho da Stige.

Quando o sol da historia rasga as trevas densas do passado, divisa-se a estatua perenne da Humanidade como o colosso de Rhodes a avassalar os tempos, a dominar as idades.

O seculo XIX entôa a epopéa das priscas eras.

A sciencia rasgou o véo mythologico do sanctuario da Biblia, despedaçou a ficção da theologia Mosaica, mas deixou subsistir a traducción histórica do mytho.

Adão, o nû, o miseravel homem primitivo luta com o poder discricionario do Altissimo. Vence as forças da natureza. Come o fructo da arvore da sciencia do bem e do mal. O trabalho não é um castigo apezar da lenda bíblica. O trabalho enobrece. O homem comerá o pão com o suor do seu rosto. (Genesis)

O peccado original não significa uma queda, é um progresso. O Paraíso não era a idade de ouro. Era a treva, a impotencia. Comer o fructo é descobrir o elemento do trabalho. Nascia o commercio entre o homem e a mulher. Plantava-se o germem do instincto sexual, essa fonte d'onde dimanou o laço aperfeiçoado que copula os conjuges.

A lucta é o característico da historia. Lucta do homem contra a natureza interna e externa.

A historia é o livro onde se registrão os fastos da Humanidade, a taboa sagrada onde ella inscreve os seus decretos. Ha uma Providencia demonstrada pela historia, ha uma Providencia afirmada pelo progresso. E' o dedo d'essa Providencia que traça a rota da civilisação e determina a trajectoria da evolução. E' a Humanidade em sua marcha rectilínea e acelerada. Vico esboçou ao longe a imagem d'essa Providencia real, quando procurava a equação da curva fechada que seguem as sociedades em sua progressão. A Providencia ficticia e imaginaria d'aucor da scienza nuova não se demonstra pelo metodo rigoroso da filiação historica.

O eminentíssimo Bossuet demonstrou *ad absurdum* a mão de Deus na queda dos imperios. A Providencia divina revelava-se ao illustre desterrado de Patmos e predizia a queda de Roma. Daniel lera em caracteres de fogo o

~~mane, thecol, phares do festim de Balthazar. Os phenomenos sociaes não têm leis.~~

~~Seguem a corrente do acaso? Não. São determinados pela mão de Deus. Roma foi demolida pelo sopro divino.~~

~~O presente contempla a Humanidade no vertice das construções graníticas do passado. Ali é o marco de uma victoria. O Sinai significa uma estação da civilisação, onde se codificaram as maximas de moral.~~

~~Não se pode negar á luz da historia. A verdade é como o sol explendido que matiza o firmamento azul. Não se apaga; espalha os nevoeiros sombrios.~~

~~E a verdade é a Humanidade lutando nos tempos primitivos.~~

~~A sciencia não admite o *homo homini lupus* do philosopho inglez, ou ao menos restringe-o.~~

~~O homem é naturalmente social. Mas a sciencia que regeita o paraizo terreal do genesis, regeita igualmente l'état de nature do philosopho de Genebra. Pela boca de Rousseau a metaphysica condemnava o progresso.~~

~~Temos diante de nós a prehistoria. Sob as camadas do globo que habitamos esta porção insignificante do mundo, esta diferencial do universo, si nos permittem a expressão analytica, a sciencia encontrou o homem primitivo, o Adão da lenda biblica, não no paraizo de delicias, mas na caverna escura, ao lado do machado de pedra, que significa já a conversão à seu beneficio das forças que a natureza lhe depara.~~

~~O homem é fraco e tem diante de si o animal monstruoso. A pedra é a alavanca que lhe dá forças na luta. Lavra-a mais tarde, e usa-a até a descoberta grandiosa de *Tubalcain*. O homem está nu, sem um tecto, sem um abrigo e tem diante de si as intempéries do tempo. Oculta-se nos antros: é a sua primeira morada.~~

~~Timorato escuta a descarga electrica; ouve aterrado o estrondo da electricidade nas nuvens, e prostra-se diante do céo. E' a primeira forma do culto. *Timor fecit Deum*.~~

~~A curiosidade é um ponto de interrogação. Porque? A ignorancia é peremptoria e resoluta ante os quesitos. A natureza humana creou Deus á sua imagem. *Il faudrait l'inventer*. O homem si não obedecia cegamente o instinto, obrava voluntariamente.~~

~~A vontade do homem transfere-se para os phenomenos naturaes. O céo é a entidade suprema.~~

~~Temos o homem primitivo diante de nós, o homem fossil de Cuvier. O instincto sexual amarra-o para o lar. E este instincto primitivo grosseiro dá em resultado a~~

família cimentada pela infância prolongada, e pela longa prole. A natureza humana determina a sociabilidade.

O homem primitivo tem necessidades. Satisfaz-as. Exerce a sua ação dentro dos limites que a natureza lhe prescreve. Em face de seu semelhante deve restringir a satisfação de suas necessidades. Respeito e garantia mutuos d'esta satisfação gerão os primeiros direitos e deveres correlatos. Direito presupõe lei, isto é, relação.

Este fundo tosco é o painel das primeiras idades.

E' a idade aurea que a critica historica arrancou à revelação do passado. A terra é um deposito precioso do segredo das gerações que forão. A geologia e a archeologia são duas irmãs congenitais.

Falou a mesma linguagem, a linguagem pre-hieroglyphica. As camadas geologicas são os grãos da escala do termometro do universo. Medem o calor do globo, e assignam os estados successivos da civilisação. A historia da vida percorre um ramo de parabola. O ramo descendente mergulha-se no escuro, no incognito, na treva do passado; o ramo ascendente penetra no infinito illegivel, indecifrável.

Esse incognito, essa sombra do passado é o que se chama o *caos*. A scienzia tem o seu caos, como o genesis. Mas a scienzia não tem o *fiat lux* de Deus. Eis aí a enorme distancia que a extrema do sobrenaturalismo. Sabe que houve uma noite sombria na successão do tempo. Era a materia disseminada no universo. Não havia calor e não havia luz. O movimento se transforma em calor e em luz. A apparição da vida no globo é o problema insolvel da natureza. Traduz se analyticamente, mas essa equação só tem raizes imaginarias. Uma raiz é Deus formando o homem do limo de Eden. Outra raiz são as forças physico-chimicas postas em jogo num momento preciso do resfriamento do globo.

Cada par de raizes dá assim uma solução theologica e uma solução metaphysica do problema. Nenhuma das soluções é real; e a scienzia para ante a impossibilidade de por em equação esse problema que só teria uma solução. Apoi o caos vem a formação do universo e do mundo.

Moysés adivinhou a verdade que a archeologia devia pôr em luz um dia. A vida é a ultima força que aparece; e o homem é a ultima palavra da apparição da vida animal. Mas o que espera o homem é a luta das primeiras idades. Apoi o nucleo-familia, nascido do instinto sexual, vem o nucleo tribu, o nucleo cidade, o nucleo nação. O homem não colhe apenas o fructo que se lhe depara em

suas excursões no seio das florestas espessas, onde o amedronta o urro da fera. O homem arma o arco e mata o animal que o surpreende e ataca. O arco é um progresso do gênio industrial; é uma arma aperfeiçoada. Já é de então proprietário. O arco armado, a pedra por ele polida são o resultado do seu trabalho. Aplica-se à fecundar a terra. Remove-a, semear e colhe. E' agricultor e nestes primeiros tempos se mergulha na raízes do direito de propriedade territorial. Domestica os animais que não offendem, e serve-se d'elos para os seus trabalhos.

Apascenta os seus rebanhos no campo verdejante. E é escutando o murmurio do regato no leito de alvacentas pedrinhas, é ouvindo o rumorear do vento na folhagem dos arvores, é ao sentir o canto melodioso da ave no galho da palmeira virente ao despontar do sol brilhante da primavera que o pastor encontra inocentes os primeiros idílios.

Não ha associação sem governo, como não ha barca sem piloto, como não ha círculo sem centro.

Forças que convergem dão uma resultante unica. Na sociedade essa resultante chama-se governo. A tribo tem um chefe como a família. Nessa primeira idade o homem é fetichista. Prostra-se ante a serpente, adora o boi Apis que o auxilia a cultivar os campos, teme conjurar o crocodilo que o amedronta, ou a cegonha que prognostica as enchentes fecundantes do Nilo.

E' da unificação das tribus, da combinação dos nomes que surgem os grandes imperios. A civilisação ostenta-se já no limiar do mundo histórico. Sem um longo e trabalhoso passado, não se comprehende a pujante manifestação do progresso em Thébas, Memphis, Babilonia e Níniue.

Sem uma lenta e trabalhosa operação philosophica não se comprehende o polytheismo egípcio ou asiático, como não se comprehende a revolução política dos pharaós. A scienzia incumbe-se de integrar a differential da historia. E' um processo árduo e difficilimo. Achado metodo geral é até hoje o impossível de gênero humano. A historia do passado é absorvida pela historia dos grandes imperios. Nascer, crescer e morrer é a lei da vida. Por isso Vico assinalava os tres estádios da civilisação. Mas a civilisação enriquece-se com a cinza dos imperios. E sobre as ruínas do passado que se levanta o edifício do presente, como sobre os restos desmoronados do presente se erguerá o futuro. As geracões de hoje preparam o material para as geracões de amanhã. Aqui está a lei do progresso. Isto

constitue a continuidade do genero humano. A Humanidade não deixa de caminhar um dia. Não ha periodo de trevas na historia que não seja acompanhado de um crepitar sinistro, que não seja o prologo de um grande e deslumbrante incendio. E' o peso dos materiaes que suffoca a chamma. Mas esta irromperá explendida e deslumbrante.

Grecia e Roma attestão a marcha constante da Humanidade. Grecia e Roma são oasis verdejantes do Sahara do passado, estrelas radiantes engastadas no céo escuro das idades decorridas.

Ha homens que incarnão séculos, ou antes ha épocas que se individualisão. Homero é a representação da Grecia, a incarnação de uma civilização possante. A Grecia é ponto luminoso da historia. A civilização hellenica era a onda que subia dos tempos primitivos, trazendo em sua superfície, os despojos das gerações precedentes. E a aguia da Thessalia, batendo as candidas azas, lançou-se em seu vôo ativo por sobre o vértice altaneiro da mole de Cheops.

A Grecia foi o berço fecundo da civilização moderna. E lá, no solo helénico, que se abriu mergulhadas as raizes profundas da positividade científica.

A Grecia é a mãe fecunda dos grandes genios. Fallar na Grecia é fallar em Thales e em Pitagoras, é fallar em Democrito e Epicuro, é fallar em Aristoteles, o genio mais potente da antiguidade toda.

A civilização grega foi uma civilização multipla e dissimilada. Era um quadro monumental mas sem unidade.

Roma foi a organização mais sólida e mais una. Foi o polypo monstruoso que abarcou o mundo. Roma foi a unidade temporal, uma unificação social realizada pela guerra, uma universalidade fundada pela força material. Tinha em si os germens de sua ruina e decadência futura.

Era o manipulo que abria a estrada da civilização, o pilum que aplanava o terreno para o edificio do progresso. Essa unificação à viva força era precaria e fallaz.

E Roma, esse primitivo nucleo modesto da margem do Tibre, Roma tornada a lampada do universo, viu apagar-se a luz que irradiava ao sôbre impetuoso do tempo.

Não era uma queda *ex abrupto*. Era o polytheismo diluído pelo monotheismo que o vinha substituir e suceder. Era a vigorosa organização romana cedendo o passo à mais vigorosa organização chrystä. A unificação temporal recuando ante a unificação espiritual que avançava. Era o *civis romanus sum* substituído pelo *homo sum*.

Attila abriu as portas da idade media e os povos barbares entravão na comunhão social. Escutava-se já a palavra do philosopho nazareno, e São Paulo apostolava para as gentes. *Fundis ergo et docentes.*

A humanidade é uma grande família, tem um só pai, é Deus.

O chrystianismo e o feudalismo encontrarão-se no limiar da idade media : erão duas forças convergentes, a resultante determinaria a marcha do genero humano.

A civilização não aniquilou-se com a queda do monstroso imperio de Augusto. O progresso não sabe recuar, avança sempre. A idade media é uma idade progressiva. F' o grande peccado da philosophia positiva, é o crime horrendo que lhe não perdoa as diversas seitas metaphysicas. Estão no seu direito não aprofundando o estudo da filiação historica, mas não estão no seu direito obscurecendo as verdades da critica philosophica.

O chrystianismo levantou o edifício da moral, sacudindo a tutela da politica.

#### *Cesaris Cesari, Deo Dei.*

A escravidão antiga transforma-se na servidão feudal. O cancro tendia à extirpar-se; era um ponto negro, que não escaparia aos raios fulgentes da civilização. A moral constituindo-se sob o triplice ponto de vista individual, domestico e social, garantia e firmava a dignidade humana, lançava os fundamentos da familia, e avigorava a organização dos estados, que irrompendo do mundo barbaro recebido em seu seio os detritos da civilização grego romana.

A idade media significa um progresso. A linha da evolução social não tem solução de continuidade.

E dos braços da organização vigorosa da idade media, o mundo lançava-se no colo da democracia revolucionária ao estampido colossal da explosão de 89. O christianismo e o Feudalismo diluindo-se espontaneamente, vião erguer-se ao seu lado o edifício da Positividade.

A idade media fôrça sem interrupção continuada pela idade moderna, e essa transição era saudada pelo ribombar do canhão de Guttemberg, arremessando os seus projectis sobre o solo do continente que Colombo descobriria abrindo a cortina do espaço. A guerra defensiva do Feudalismo devia ceder o passo á instalação do reinado da industria.

A revolução negativa e demolidora da metaphysica, devia succeder a revolução positiva e organisadora da sciencia. A sciencia não arraza senão para edificar.

A idade moderna é a idade positiva da humanidade.

A sciencia é o pharol erguido pela geracão moderna ; e  
será a columna de fogo que dirigirá as geracões futuras  
pela vasta peregrinação do mundo.

Sacudindo a tutella de Deus e das abstracções metaphysicas, o espírito moderno acastella-se no mundo da obseruação e da experincia, e não conhece outro terreno que lhe seja accessível.

A instrucción é e deve ser o grande problema do socialismo moderno. Só a sciencia positiva fará despontar a aurora da regeneração social e presidirá à installação da verdadeira e racional organização política. Declamem embora contra ella os democratas revolucionarios da igualdade absoluta ou os retrogrados do absolutismo á todo o transe.

Trabalhar no campo restricto, mas fecundo e exuberante da sciencia, é trabalhar em prol da grande revolução da idade moderna.

E todos aqueles que o fazem merecem a denominação de positivistas, e collaborão consciente ou inconscientemente na portentosa obra do Augusto Comte.

16 de Maio de 1879.

*Lauro Sodré.*



## Othello

Lamartine, o immortal cantor do Jocelyn, assim se exprime com relação ao Othello : Othello ce n'est que le roi des mélodrames. Un vieux More, qui a bien servi la république de Venise, inspire une passion ardente et sincère à Desdemona, fille d'un citoyen vénitien, et l'épouse. Il y a dans sa domesticité un vil traître appelé Iago, qui craint l'influence de la nouvelle épouse sur le More et qui cherche à lui inspirer d'odieux soupçons contre la fidélité de Desdemona. Othello est envoyé par la république à Chypre, pour la défendre contre la flotte des Turcs qui doit l'attaquer. La tempête engloutit la flotte d'Othello,

accompagné de Cassio, son brave et fidèle lieutenant, arrive dans l'île; Iago, par une série de perfidies, parvient à donner à Desdemona les apparences du crime avec l'innocent lieutenant Cassio. Othello entre dans la fureur jalouse et sombre attribuée à sa race.

Voici la dernière scène de cette abominable boucherie plutôt que tragédie: il y a horreur, mais peu de talent; ce sont les actes et les cris forcenés d'un insensé qui étouffe celle qu'il adore; l'horreur seule a attaché le peuple à cette abomination. Voici l'acte du crime, toute la tragédie dans les dernières scènes, on en jugera. Cela est à mille lieues d'Hamlet et même de Macbeth. (1)

Não temos a velleidade de querer antepôr a nossa humilde opinião à do maior lyrico do seculo, d'essa alma repleta de bondade e poesia, cujas composições divinas são outras tantas joias para a humanidade. Comtudo não deixaremos de manifestá-la, mostrando ao mesmo tempo a causa que levou o eminentíssimo poeta a votar tal antipathia a esse drama, que tantas lagrimas tem arrancado, de envolta com os mais justos e estrepitosos aplausos.

Lamartine era uma alma pura e candida, por excellencia; foi uma d'essas organizações felizes onde jamais pairou um sentimento que não fosse nobre e elevado, e que, semelhantes á debil plantinha que ao mais leve choque definha e morre, sentam dilacerarem-se-lhes as fibras, ao contacto das impurezas da vida.

N'elle tudo era placidez e bondade, e, por isso mesmo, quantas vezes encarando o mundo pelo prisma diaphano de sua alma, não julgou vel-o, quando apenas tinha ante os olhos a imagem pura de seu magnanimo coração?

Isto foi a causa de sua injustiça paro com o Othello.

Repugnavam-lhe essas scenas onde predomina o horrivel e que apparecem como uma fatalidade; porque são o epilogo necessário á outros tantos desvios da razão humana.

Lamartine levado pela bondade excessiva via sempre a perfeição; Shakespeare, porém, não somenos em nobres qualidades, tinha contudo o poder de evitar a influencia d'estas quando observava a sociedade. Conhecedor profundo do coração humano, soube, com o escalpello de seu prodigioso genio, descriminar um a um todos os sentimentos, todas as paixões e todos os vícios que n'elle resiste-

(1) Shakespeare et son œuvre.

dem e apresental-os na tela universal, sob o colorido de seo pincel divino.

Conhecendo o homem e suas tendencias todas, boas e más, desenhou-o aos seus próprios olhos. E cada um destes sentimentos, paixões ou vícios, capazes de arrastar o homem a abomináveis crimes, teve a sua personificação. Assim como creou Romeo, Julietta, Ophelia, Hamlet e Desdemona; creou Claudio, Lady Macbeth, Macbeth, e o abominável Iago. Teve cores bellissimas para pintar-nos o amor em Romeo e Julietta, em Ophelia a sublimidade da loucura, pela dor; em Hamlet a revolta de uma alma nobre contra sua propria fraqueza, para uma vingança legitima, como diz Goethe; (1) também as teve bem negras para dar-nos a imagem horripilante da ambição em Lady Macbeth, arrastando ao abysso do crime aquelle que pudera ter sido um homem bom e que, desviado do seu caminho, fora condenado a ter sempre deante dos olhos o espetro de suas victimas innocentess, esmagando-o sob o peso do remorso.

Quanto ao Othello, que é o objecto de nossas considerações, vejamos o que nos quiz mostrar Shakespeare. Othello é a personificação do ciúme com todas as suas consequências funestas; o homem cego por esta paixão, commetendo o mais barbaro assassinio. Ele que era bom e leal, tornando-se feroz e perfido; ele que tinha n'alma a placidez, tornando-se furioso e colérico; que amava como louco aquella por quem não trocara os mais explendidos tesouros do mundo, estrangulando-a a no proprio leito onde recebera os mais ardentes e sagrados affectos de sua alma amorosa!

Iago é a bestialidade do crime, monstro de baixesa e perfidia que transmittia em cada palavra à alma do Mouro, o veneno que iria tragal-a. Sempre o mesmo, desde o principio ao fim do drama urdindo a tenebrosa trama para a ruina d'aquelle aquem se devia affagos e carinhos. Desdemona é a virgem candida e pura, bello rebentão do mais nobre e antigo tronco da nobresa veneziana, que apaixonou-se, não pelo physico, mas pelas virtudes e aventuras do Mruro; que admirando-as com toda pujança de

(1) Il est clair pour moi que Shakespeare a voulu nous montrer une âme chargée d'une grande action et incapable de l'accomplir. Cette pensée selon moi domine toute la pièce. (Hamlet). Un chêne est planté dans un vase qui ne devait porter que des fleurs charmantes; les racines s'étendent et le vase est brisé.

sua alma varonil, idolatra-o, idolatrando-as. Para elle o ennegrecido corpo de Othello era o sacrario bendito das preciosidades, que d'elle ouvira nos colloquios innocentes do amor. E' a dedicação personificada; suas ultimas phrases são preces por aquelle aquem tanto amara e que depois de injuriar a atrocamente, fazia parar-lhe sob o níveo seio, o coração que só por elle palpitará!

Oh e ella devia morrer! si o ciume sombrio de Othello, convicto do perjurio, não tivesse por epilogo a morte de Desdemona, onde a verdade da tragedia? Emilia, mulher inferior a Desdemona, era comitudo sua amiga; ante as declarações de Othello sente-se esmagada pela dor, não pôde guardar silencio à tanta infamia de seo miseravel esposo e delata-o. Iago, que n'ella sómente via a mão fatal para derrocar seo monstruoso edificio, mata-a.

A morte de Emilia é necessaria, vem como uma fatalidade apóz a marcha dos acontecimentos em que tomou parte; posto que involuntariamente. Othello depois de tamanha catastrophe não podia viver; sentia um vacuo immenso ao redor de si, depois que dera a morte ao objecto de sua adoração no mundo.

Guardadas as regras da verosimilhança, outro não podia ser o desfecho. Si o drama não tem por missão retratar as trivialidades da vida, comitudo só deve por em jogo caracteres e episodios possiveis: Uma ou outra anomalia social não pode constituir o seo objecto.

Esta é a nossa opinião sobre o Othello, onde não vemos sómente uma successão de assassinios, como diz Lamartine, e sim episodios verdadeiramente tragicos e caracteres bem sustentados.

Ocorre-nos ainda uma observação importante: em quasi todos os dramas de Shakspeare, nota-se infracções graves ao principio da unidade de accão, como se vê no Hamlet onde o conselho aos actores e a scena dos coveiros destacão-se completamente do assumpto em questão (verdadeiros desvios de genio, pois que são pedacos de grande beleza e merito philosophico.) A forma é pouca castigada tambem em algumas de suas obras primas e muitas obscenidades marêjo o brilho de suas mais explendidias concepções; no Othello, porém, ha mais correção.

Não queremos collocar este drama no mesmo plano do Hamlet, onde a admiravel creação de Ophélia é por si só bastante para atestar a grandeza d'aquele genio

que, despedaçando as cadeias Aristotelicas, desfraldou sobre as ruinas do velho classicismo, o estandarte aurifúlgente do theatro moderno; mas divergindo da opinião do gente do theatro moderno, mas divergindo da opinião do illustre e immortal poeta francez, desejamos-lhe um lugar distinto entre as composições Shakspeareanas; por que em nada vem desmerecer a coroa de louros que cinge a fronte divina do pae do Romantismo. Paramos aqui, mas prometemos fazer, no proximo numero, analyse mais circumstanciada, apresentando por essa occasião a traducción de algumas scenas de maior importancia.

Concluindo faremos a seguinte rectificação na poesia por nós publicada no n.º 4 da Revista; intitulada—Fragmento do Hamlet—verso 27—onde se lê: Se não fora o temor apóz a morte, devo lér-se: Se não fora o temor do apóz a morte. A supressão da palavra—do—feita pelos senhores typographos, altera sobremodo o sentido.

RODOLPHO PAIXÃO—1879.



## O amor paternal e a ingratidão filial

(Do romance « Soffrimento e Redempção » (1))

O Protagonista: « Minha vida era então taciturna e cruciante: reduzido quasi que a miseria, trabalhava para o sustento, afim de, morrendo, deixar à Laura ao menos esta choupana, que a protegesse dos insultos do tempo, e alguns intens, que lhe poupassem a vergonha de implorar a caridade publica.

« Durante o dia, me entregava ao meo trabalho, e voltava á noite, trazendo o salario com que comprava o pão de amanhã.

« Laura affligia-se vendo-me chegar, de ordinario,

(1) Não sendo possível, não só por falta de espaço, como pelo tempo que decorre de um numero a outro da revista, publicar romance inteiro n'ella, publicarei scenas que, não dependendo do enredo, poderão ser lidas como variedades.

em casa, quasi sempre tão cansado, a não poder lhe dispensar uma caricia.

« Eu, por minha vez, chorava a vida triste e solitaria a que, levado pela necessidade, votava aquella alma toda encantos, toda affagos e toda amor, no despontar dos mais bellos dias da existencia, quando o nosso peito vive do ideal encantador que se gera em nosso espirito.

« Laura se achava na quadra a mais bella da existencia: no viço de sua mocidade, no encanto de seus traços, na graca de seus gestos, no brilho, emfim, de seus grandes olhos, se manifestava o desejo de um sentimento ignoto à sua alma que a fazia feliz e desgracada ao mesmo tempo.

« Eu percebia isto, por mais que ella m'o occultasse, adoçando com os seus beijos de m'lo amargo fél com que a sorte ingrata borrhava, a todo instante, os meos labios resequidos pela dor; e, silencioso, temia o desabrochar d'aquelle botão com tanto viço, no estreito canteiro a que infausta estação me obrigava detel-o, temendo que mais um punhado de terra exuberasse a seiva do amago de seu tronco.

« A principio, quando me dirigia para o meu trabalho, deixava Laura em casa a sós, levando commigo a chave da porta. Fiz isto algumas vezes, porém nunca sem sentir se me despedir o peito, por deixal-a tão só, tão triste e tão enjaulada como bravila fera, que deshumano domador rouba à liberdade de seus bosques.

« Eu despertava sempre com a aurora, fazia o pequeno almoco, e, depois de estar tudo prompto na mesa, acordava Laura para a refeição. Almoçavamos juntinhos, e, no momento de encerrai-a n'aquelle claustro para seguir o caminho de meu trabalho, ainda bem o sól não dissipava os ultimos albores da manhã, já se fazia noite em minh'alma.

« Um dia, levantando-me da mesa e pousando-lhe nas faces o beijo diario de despedida, senti me humedecer os labios uma gotta quente de seo pranto!

« Olhei: vi-a desfeita em lagrimas!

« O coração se me despediu dentro do peito, reprovando as asperezas de meu procedimento para com aquella pobre orphã; e, deixando a chave em seo regaço, depois de a ter cerrado em meos braços em accção de arrependimento, segui por aquella ladeira, chorando como uma criancas.

« Alguns annos se passarão, assim como vos acabo de expôr. Eu, de dia para dia, me sentia mais doente, e via meos males aggravarem-se pouco a pouco.

« Uma noite, quando a melancolia fazia tremer o coração, estava Laura assentada em um pequeno estrado, lendo à luz do candieiro as suas Horas-marianas, debruçada sobre a mesa do jantar no centro da sala, e eu recostado a um dos angulos d'esta, de braços cruzados.

« Uma tristeza profunda e misturada de uma ternura acentuada e abafada, invadira-me então; e, para mais compungir-me, me veio ferir os ouvidos, n'aquele instante, os tremulos sons de uma flauta saudosa, que parecia soprada de propósito por alguém à grande distância.

« Mergulhado, por aquella musica, ainda mais na ternura que já me ralava o peito, eu olhava aquella santa esclarecida pela luz macilenta da lampada, deixando-me humedecerem o rosto copiosas lagrimas, quando um presentimento fatal, acompanhado de uma saudade inaudita, me fez chamar Laura, e lhe dirigir estas palavras :

— Minha filha, eu sinto que poucos dias me serão dados a peregrinar n'este mundo, amparando a tua virginidade. Bem podia, pois, atraido pela amizade que te tenho, passar junto a ti os ultimos dias de minha existencia. Mas não! É preciso trabalhar para, morrendo, te deixar esse casulo amado de teles, onde repouses resguardada da chuva e do sol, e algum dinheiro que te poupará à vergonha de esmolar, e que servirá tambem para que não te entregues a prostitui...

« Não pude terminar o meu pensamento! Mão myriodíssima correu-me os labios, antes que ellos externassem a idéa que me martyrisava a alma, e, depois de um instante de silencio, conclui dizendo:

— Sim filha! martyrisa-me em vida o pensamento de que, ainda mesmo sob a fria campá, lanças um ferrado de infamia, sobre as cinzas de teos pais, sobre a memoria de teos avós!

« Laura sobresaltou-se, e se mostrou vexada com as minhas palavras! Não a vi, porém derramar uma só lagrima! Notei apenas no seu semblante a expressão de medo, que attribui ser causado pelo accento austero de minha cavernosa voz; e, arrependido da severidade de meus gestos e da asperezza de minhas phrazes, cahi-lhe aos pés, dizendo :

— Filha! Filha!... perdoa, por Deos, os zelos de teo pai!

E's a unica estrella que luz no firmamento escuro de sua existencia! E's o unico pharol em que pouzão os seos desanimados olhos, nas tormentosas borrascas da vida! O teo seio é a unica guarida que tem o desnorteado

piloto, de quem os ventos e as vagas roubaram até os destroços do fragil lenho em que, perdido, fruiu delícias no mar inconstante das venturas! A tua voz é o único som, a melodia unica que lhe resta do bramir das vagas de então! Falla! falla por Deos, para que o desgraçado naufrago adormeça sonhando com esses tempos que embreecerão sua alma! Canta! canta baixinho aos seos ouvidos, para que elle, adormecendo em prantos no presente escuro, possa despertar sorrindo aos clarões da estrella d'alva, do astro polar, da aurora boreal de sua existencia! . . . Se funesta nuvem lhe roubasse esta estrella que lhe resta; se nefando vento apagasse lhe estopharol; se infansto raio lhe partisse a meio esta guarida... ai filha!... o teo desgraçado pai succumbiria!

« Laura, toda angustia, toda amolecimento levantou de seos pés, e, abraçando-me o pescoço, apenas balbuciou estas palavras intercortadas:—pai! ... meu pai! ... não martyrise mais o meu infeliz coração! ...

« Não comprehendi o sentimento d'esta phrase! Talvez fosse o grito extremo de extrema luta, que se dava em sua alma, entre o dever e o amor.

« Este episodio, porém, não deixou a menor desconfiança em mim.

« No dia seguinte, me dirigi, pela manhã, ao meu trabalho, sem que me viesse à mente a lembrança da scena da vespera. Ali estive até meio dia, senão sem sobresalto, ao menos sem grande vexame. Com o declinar do sol, porém, uma melancolia terrível se apossou de meu coração, e, desassossegado, nada mais fiz. Deixei o serviço.

« De volta para casa, persegui-a, em caminho, pensamento sinistro: tinha desconfiado de Laura! ...

« Senti, a principio, calafrios por todo o corpo, e quasi me estendei vivo sobre o caminho!

« Sucedeu a esse estado de abatimento — a mais agitada reacção: o inferno de Dante se havia aberto em meu peito, sentia queimar-me as entranhas fogo abrasador, o sangue me galopava nas veias, o desespero, em sim, me offuscava a luz da razão; e, como se fôr um alienado, corria em direcção de casa!

« Na carreira vertiginosa que levava, com os olhos offuscados de cholera, via o solo fugir de meos pés, e, me julgando immovel, me estorcia em desejos de correr, como o desgraçado que, ferido pelo assassino que o persegue, exangue tenta debalde fugir da mão que o mata!

« Ao avistar, de longe, minha casa, viera-me aos labios o sabor de sangue!

« Transpuz, em um instante, com a rapidez do relâmpago, o espaço que d'ella me afastava, e lançando-me sobre a porta, que se achava fechada, fil-a baquear ao impulso de meu braço, vindo cahir dentro de casa, gritando:

— Laura!... Laura!... Tua infame!... desgraçada!... que é feito da honra de meu nome?...»

« Ai Senhor! a realidade não permettio que ella me respondesse!

« O pai ludibriado lançava gritos de desespero, que erão apenas respondidos pelos echos de se's clamores!...»

« Laura tinha cedido às instâncias de um sedutor, de um miserável, de um desgraçado chamado Roberto An-  
gelo, nome este de um infeliz a quem, com carinho pater-  
nal, eu levantara, em tempos mais felizes, da miséria.»

Roberto—ouvindo pronunciar o seo nome, e reconhe-  
cendo, na pessoa d'aquele miserável velho, o seo sogro e,  
mais que isto, o seo protector, o homem que livraria não  
só elle mas também toda sua família das garras da des-  
graca, e a quem elle tinha, por sua vez, sepultado nas in-  
felicidades que acabava de ouvir e na miséria em que o  
via,—deixou-se cair da cadeira desmaiado!

O ancião se apressou em levantalo, e, quando elle  
volto a si, lhe disse:

« Ferio-vos a ingratidão de minha filha? Compadeces-  
tes-vos de meos males? Louvalo seja Deus! Já tive uma  
alma christã que misturasse as suas lagrimas com as mi-  
nhas! Oh! como é doce um lenitivo! Porventura já vos  
ferio o peito, alguma vez, esse punhal, que aos poucos me  
dilacerou o coração, chamado ingratidão! M

— Não... sois muito moço ainda, e os vossos tenros  
fructos não estão em estado de serem roubados. Zelai-os  
quando sazonados, guardai-os de dia e de noite, para que  
não vos aconteça o mesmo que a mim. Se soubesseis o  
quanto dóe uma ingratidão! Deixaí que eu vos pinte o  
quanto hei soffrido, e aquilatai a minha dor.

Escola Militar, em 1876.

Tito AMARAL.

## Recordações da infancia

L'espérance n'embelliit plus mon avenir; ils ont été courts mes  
jours de félicité!

Glacé par le froid aquilon du malheur, le matin de ma vie est  
voilé d'un nuage.

BYRON

(Traducção de B. Laroche.)

Foste da vida a aurora purpurina  
Mimoso e doce berço da innocencia !  
Onde o lourinho infante é embalado  
No dormir descuidoso da existencia !

Oh! berço, meigo ninho dos anjinhos  
— Celestes Cherubins da Creação ;  
Que viajão no mar negro da vida,  
Com a esperança e o amor no coração !

Sobre ti se debruça o amor materno  
N'uma alliance eterna e sacro-santa ;  
Essa divina essencia de Maria,  
Esse astro de amor que se abrilihanta !

Porém... quando, meu Deus, verei alegre  
D'outr'ora os ledos brincos infantis ?  
Oh! descuidosa infancia, juventude,  
Onde os meus bellos sonhos pueris ?

Onde esse ceu azul cheio d'estrellas,  
Que ainda pela aurora matutina  
Da vida, me sorria — esp'rança e amor  
Ao — Mai — balbuciarn na voz divina ?

Onde as doces caricias recebidas  
Na santa e bella quadra da innocencia ?  
E mais tarde o porvir que me sorria  
Pola rosea manhã da adolescencia ?

• • • • • • • • • • •

Oh! abysmo profundo, negro e eterno  
Do passado sombrio e fugitivo!...  
D'uma só vez tragaste-me da infancia  
Meu fechado botão de rosa alívio!

Ah! tudo o que na infancia me era doce,  
Tudo... tudo na fria eternidade  
Do teu seio sepulta-se pra sempre...  
O teu seio... essa eterna immensidate!

Oh! porvir, eu te vi brilhante e lindo  
Nos meus sonhos de infante—alente estrella!  
Chimera que passou! Hoje te vejo  
Como um torvo phantasma que atropella.

• • • • •  
• • • • •  
Mas, debalde pranteio os tempos idos!  
Da pequenina infancia entre os vagidos,  
Meu ceo jaz encoberto!  
Cerrou-se o manto espesso do passado!  
E ao longe no horizonte descampado  
E' me o futuro incerto!

Mas, eu... quero viver, embora a taça  
Se entorne sobre mim, cruel desgraça!  
Eu quero o amor bem quente!  
Nos labios da mulher nua e bacchante,  
Qu'importa, pois... se o amor é o radiante  
Roscicler da manhã da vida ardente!

Qu'importa, Marion?... deixa, Celuta,  
Qu'em teu seio na ardencia prostituta  
Envolva-me maldito!  
Peregrino cançado... avanço, avanço...  
O abysmo tambem é me um descanso!...  
O lago um infinito!

Escola Militar, 10 de Novembro de 1870.

BORGES D'ATHAYDE JUNIOR.



## Nenia

A' memoria de minha sempre chorada irmã

ALDINA MACHADO

Morreu a minha irmã! fatal verdade  
Que espadaçá meu pobre coração!  
Miserrimo de mim, que triste vivo  
Da desgraça arrojado pelo chão!

Morreu a minha irmã! rosa ceifada  
Da quadra mais gentil,inda na flor!  
Que me resta sofrer? alma sem vida!—  
Estatua cinzelada pela dor!

E' triste, e muito triste a natureza  
Que outr'ora me sorria tão louçã!  
Tudo, tudo revela entristecido  
Que não tenho no mundo mais irmã!

E não pude, meu Dens! na hora extrema  
Por consolo o suspiro lhe escutar!  
Apertal-a nos braços, delirante  
A fronte já sem vida lhe beijar!

Os meus sonhos de moço, e meu futuro  
Alimentados com amargo afã,  
Jazem murchos, dispersos, sem alento —  
Sobre a campa que encerra minha irmã!

• • • • • • • • • • •

No dia que deixei maternos lares  
A procura talvez... de uma illusão!  
No momento fatal da despedida  
Nos braços lhe apertei o coração!

Pelo veo da tristeza se cobria  
O seu rosto em que o pranto deslisava!  
Esse pranto expressivo, tão amargo,  
Parecia que tudo adivinhava!

Só me resta, mortal desventuroso,  
Com saudades carpir a minha dor!  
Qual rôla solitaria do deserto  
Sem carinho, sem paz e sem amor!

As flores que no prado se deleitam,  
As auras perfumadas da manhã,  
Commigo chorarão eternamente —  
Sobre a campa que encerra minha irmã!

ERNESTO MACHADO.

Corte — 1877.

## Equivoco

Rompi a madrugada — na janella  
Debruçou-se tão bella e pensativa  
Que julguei que era a imagem rediviva  
De Maria ou a luz d'alguma estrella.

Aproximei meos passos vagarosos...  
O foco luminoso esplandecia :  
O brilho da miragão me atrahia  
Cos fogos seus subtis, esplendurosos.

Os labios carmezins, côr de papoula...  
Cheguei-me para vel-a mais de perto...  
Mas, oh ! fiquei parado, boquiaberto...  
Era a joven senhora... uma crioula !

Corte — 1779.

LEOPOLDO CHAVES.

## Chronica

Tinhamos já escrito a chronica do numero antecedente e achava-se ella já no prelo, quando a mão tracoeira do assassino veio arrebatar nos um ente à quem presavamos por muitos titulos e cuja perda nos mageou profundamente, não só pelos laços de amizade que à elle nos prendiam, como também, e ainda mais, pelas horrificas circumstancias que acompanharam a sua morte. Referimo-nos ao tenente do Corpo de estado maior de 1a classe bacharel Ignacio Lucas de Souza, covardemente assassinado na pedreira da praia da Saudade, em Botafogo, na madrugada de 18 para 19 de Abril findo!

Se para aquelles que não o conheceram sua morte foi motivo de grande pesar e de justa indignação, imagine-se o que não seria para os seus amigos e collegas, para os que com elle conviveram na intimidade da vida academica e que foram seus contemporaneos!

Somos deste numero, e podemos assegurar que na Escola Militar, onde fizera os seus estudos desde o curso preparatorio até o de engenharia, o tenente Lucas, pela nobreza de seu caracter e pela amenidade do seu trato, deixou em cada aluno um amigo que, unidos hoje por um só pensamento, inviram todos os esforços possiveis para que as penas da lei caíao inflexiveis e barbaras sobre os seus miseraveis assassinos, como barbaros foram elles na perpetracao do crime, como inflexiveis foram a sensibilidade do coração humano.

Não cremos que haja balsamo bastante efficaz para golpes tão profundos. Mas se o pezar de uma classe inteira, nobre e generosa nos seus impulsos e firme na sua dedicacao, pode de alguma sorte minorar as dores de um velho pae, nós, constituidos nos orgaos dessa classe, o transmittimos ao sr. tenente-coronel Manoel Lucas de Souza e à sua Exma. familia.

Igualmente o transmittimos à familia do nosso jovem e malogrado companheiro João Augusto de Sá Couto, que, victimo de uma congestao pulmonar, sucumbira na noite de 19 do referido mez de Abril, baixando ao tumulo poucas horas depois do tenente Lucas.

A este — a morte — surpreendera já laureado pelas lutas da intelligencia, já paladino do saber, àquelle surpreendera no começo dessas lutas, quando apenas expe-

rimentava as suas armas! Um chegou ao tabernáculo da sciencia, ouvira as suas doutrinas e prescrutara as suas leis; o outro, romero mais fragil, cahira exausto em meio da jornada e não mais se ergueu!

Ambos, porém, erão guiados pela mesma luz — a da instrução — e animados pela mesma ideia — a de bem servir a patria.

Ambos tinham, pois, direito à nossa admiração, assim como o têm ao nosso pezar e às nossas lagrimas!

. . .

Prestado esse tributo de saudade à memoria daqueles que presavamos e admiravamos, cabe-nos tratar de outros assumtos, e começaremos disenho que o bairro de Botafogo, considerado até bem pouco tempo a sede da aristocracia fluminense, e por consequencia mais ordeiro e menos incommodo à policia, está hoje reduzido á uma caverna de ladrões e de assassinos.

Ainda bem não se fecha o tumulo do tenente Lucas, ainda bem não havia desapparecido do lugar do crime os vestigios deste, e já os jornaes do dia 17 do corrente noticiaão outro não menos attentatorio, praticado por uma quadrilha de sete individuos, que em uma das ruas do dito bairro ataca um cidadão que se recolhia á sua casa, espanca-o e rouba-lhe o relogio e o dinheiro que trazia, sem que a policia viesse em seu socorro, sem que ao menos ouvisse os seus apitos.

Não somos desarrazoado: reconhecemos que a força policial de que dispomos não é suficiente para por toda a cidade ao abrigo de crimes desta natureza; reconhecemos ainda que o illustrado sr. chefe de policia faz o que está á seu alcance para preservar-nos da ligeireza do gatuno e do punhal do assassino; porém o que reconhecemos tambem é a possibilidade e urgente necessidade de uma policia mais bem organisada e, sobretudo, de autoridades que zelem melh'or do cumprimento de seus deveres, da vida e da propriedade deste povo que supporta com a resignação do Christo a pesada Cruz dos impostos que lhe lanção pelo suor que transpira pelos passos que dá; o que reconhecemos tambem, e o que os factos se têm incumbido de demonstrar, é que o actual subdelegado da freguezia da Lagôa, o sr. dr. Siqueira Dias, podera ser um bom paes de familia, um bom genro, um bom amigo, um bom engenheiro de esgotos, um bom... tudo, porém nunca um bom subdelegado.

Quando na manhã de 19 de Abril findo a população desta cidade despertava surpreendida com a notícia do assassinato do tenente Lucas; quando uma parte desta população grupava-se em torno do cadáver, e os alunos da Escola Militar, como que preyendo a incúria do illustre subdelegado, tomavão-lhe a dianteira nas pesquisas do crime, já cercando casas, já prendendo pessoas suspeitas; quando, finalmente, S. S., ao menos em apparencia, devia se mostrar solitário no exercicio de suas funções, é justamente quando se mostra enfadado e diz-nos estar ainda em jejum, como se os reclames de sua barriga estivessem acima daquelle triste acontecimento para nos inspirar compaixão!

Uma autoridade que assim procede; que se mostra incredula quando lhe referem um crime, (1) que não se apressa em descubrir os seus autores - ou protege-os ou é frouxo.

Desprezada a primeira hypothese, porque julgamos-a inadmissivel, resta a 2<sup>a</sup>. Mas... o sr. Siqueira Dias é influencia na freguezia da Lagôa; sabe arregimentar phosphoros e sabe bater chapas. E, portanto, um homem necessario, un bon subdelegué. Sofrermos, pois, as consequencias da sua bonhomie; entreguemos a bolsa ao gatuno e a vida ao assassino! Entreguemos, porque assim o exigem as conveniencias da firma Simimbú & Comp.

Não se zangasse S. S., e lhe diríamos que a sua actividade está muito aquém da do seu escrivão Tinoco, em apossar-se das cartas dirigidas à redacção do *Reporter*.

E já que incidentalmente falhamos no orgão das *Excavações*, cabe-nos agradecer-lhe a espirituosa apreciação que fez dos trabalhos publicados em o n° 4 da nossa *Revista*.

Sabímos que o *Reporter* tinha diminuido de formato e de typo; sabímos que tinha suprimido um — O — no seu titulo, sabímos que andava impressionado com a idéa de morte e que apenas se vira livre de um *Embal-samado* (2) agarra-se a um *Esqueleto*. O que não sabímos ainda, e só agora ficamos sabendo, é que o chistoso e realismo de seus critiqueiros haviam crescido na razão inversa de seu tamanho — que a traducción de *Hamlet*,

(1) Vide o *Jornal do Commercio* de 17 de Maio de 1879.

(2) E que *Embal-samado*!

do sr. D. Luiz, publicada em folhetins no dito *Reporter* e por elle classificada de *chefe-d'obra* não passa de uma pessima traducción.

Verdade é que criticar daquelle modo, agarrado ao bordão da sensaboria dando bordoadas de cego, taxando-nos de vadio, vaidoso, chocarreiro, etc., etc., é causa tão facil como facil nos é dizer que a questão do observatorio astronomico entre os srs. Liais, Reis e Godofredo já transpõe as raias das coisas sérias e cahio no mesmo terreno em que cahirão os criticos dos trabalhos de Pedro Americo e Victor Meirelles, d'onde não os poderá levantar nem mesmo o potente braço com que o sr. Conselheiro quadrado (1) Martim Francisco ameaça esmigalhar-nos a bitacola. □

Mais um *cavaco*, e com elle terminaremos esta chonica, filha legitima da preguica, porem inteiramente estranha á vaidade. O collega do *Reporter* é intransigente em assumpto de escolas.

Arvorou-se em missionario do *realismo* e quer a todo o transe converter o mundo. Chicotea atrozmente os escriptores idealistas, chama-os de choramingas, sem se lembrar de que entre os da sua escola há também quem tropece em cheio. Quer exemplos? Leia:

« Vinha tombando a noite. Escurecendo sem fim.

Negra como o terror, triste como Caim.

Silencio sepulchral! mudez profunda e calma!  
Fechavam-se tremendo as petalas d'alma.

Não revolvias no leito os teus heroicos flancos,  
Não estoiles na praia os tens soluços brancos.

O genio primitivo, o genio do ideal,  
*Almas feitas de bronze e feitas de crystal.*

Corria pelo espaço um negro magnetismo.

Sabe o *Reporter* donde é isto?

E' de um poema que é o evangelho de muitos escriptores realistas; é da lavra de um homem para quem « a verdade é a base da poesia e a forma d'arte é de uma

(1) No sentido mathematico, isto é:

$$\text{Conselheiro} \times \text{Conselheiro} = \text{Conselheiro}^2$$

correcção geométrica, pittoresca, inexcedivel, e cada adjetivo em bisturi.»

E' do Sr. Guerra Junqueira.

Ora diga-me o *Reporter*: O que lhe parece aquelle magnetismo negro, aquelles solos brancos, aquellas almas de bronze e de crystal?

Onde a imitação da natureza? Onde a realidade?

E' que lá e cá...

Se conhessessemos algum trabalho do illustrado critico do *Reporter*, que sem duvida é um realista *enrage*, talvez lhe apontassemos nestas linhas pontos fracos.

Talvez.

Enquanto não chega a oportunidade, faremos votos para que o orgão das *Excavações* cresça e prospere à sombra dos seus *Carvalhos*, sob a guarda dos seus *Leões*. Faremos tambem votos para que as suas palavras em matéria de critica tenham d'ora em diante o cunho do bom senso e da logica.

M. V.

---

## EXPEDIENTE

Fomos obsequiados durante o mez com os seguintes jornaes: da Corte e província do Rio de Janeiro:— Díario de Campos, Monitor Campista, Revista Illustrada, União Academica e Nebulosa; do Amazonas:— Echo Militar; do Pará:— Equador e Puraqué; do Maranhão:— Commercio de Caxias; do Ceará:— Pedro IIº; do Piauhy:— Semanario; do Rio Grande do Norte:— o Liberal; da Paraíba do Norte:— O Liberal Paraíbano; de Pernambuco: Díario de Pernambuco; das Alagoas:— o Paulo Affonso; do Espírito Santo:— Espírito-Santense e Gazeta da Victoria; de Sergipe:— o Guarany e o Pharol; de São Paulo:— Gazeta de Campinas; de Santa Catharina:— O Conservador, o Despertador; de Minas Geraes:— Bependyano, Mosaico Ouro Pretano, Colombo e Monitor-Sul Mineiro; do Rio Grande do Sul:— Violetta, Livramento, Caixeiro, Alvorada, Revista Gabrielense, Echo da Fronteira, Reforma, Figaro, Cruzeiro do Sul; do Matto-Grosso:— O Liberal.

---

Si ás redacções de todos esses jornaes, agradecemos cordialmente o sympathetic obsequio que nos dispensam, aos Redactores da União-Academica e Nebulosa não podemos deixar de enviar os nossos emboras.

União Academica e Nebulosa : dois periodicos de publicação recente que veem satisfazer uma lacuna da imprensa brasileira : divulgar e discutir factos e questões da sciencia. Bom hajam os que assim procedem, não desnaturalam o destino da imprensa. O jornal é um livro manual, portátil, é um livro universal: sua principal missão é contribuir para a boa educação do povo. Como armado progresso é uma alavanca: destruindo o mal deve construir o bom. Como destruirá o mal? Pela critica, porém a critica sensata, a critica que tenha em vista a ordem, que tenha por fim o progresso: a critica que se baseia na sciencia, e não a critica infelizmente espirituosa dos nossos jornaes. Essa critica que nem é o sôrdido castigat mures, em vez de anemathisar o mal, inspirando ao povo o desejo de evitá-lo e apontando ao culpado toda a profundez de seu erro, de sua ignorancia, de sua imoralidade, tem a perniciosa propriedade de fazer com que rindo das proprias desgraças julguemo-nos com o direito de ser sempre comediantes, esse direito que nos conserva immersos na ignorancia e superficialidades, ainda mesmo quando se trata das questões as mais solemnes e momentosas, quando nos achamos investidos das funções as mais graves e difíceis. A isto não se chama educar, chama-se corromper. Si em vez das gargalhadas nos desse a imprensa o sorriso incisivo da ironia, ou o sorriso amargo da desillusão ainda bem mas infelizmente é o riso... desiliusao

Como trabalhar para o bem? Procurando as leis da evolução humana, e trabalhando no sentido d'essas leis. Architecturando de acordo com elles.

Isto se consegue pela analyse que tenha por instrumento de dissecação a sciencia e, depois pela synthese, que tenha como força de reconstrucção a mesma sciencia. Aos collegas pois que tomam o estandarte da ordem e seguem o caminho do progresso, porque ordem e progresso só nos dá a sciencia, os nossos parabens.

**ASSIGNATURAS**

Anno ..... 68000  
Semestre ..... 34000  
Número ..... 6500

Pagamento adiantado

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na Livraria

Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

113

Rua de S. José

113

dasa & M